

## ● EDUCAÇÃO

# AS CONTRIBUIÇÕES DO ENTORNO FAMILIAR PARA O DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE DE UMA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL: UM ESTUDO DE CASO<sup>1</sup>

*Daniela Parada Fabian<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo principal compreender a participação do entorno familiar no desenvolvimento da personalidade de uma pessoa com deficiência visual, da infância à fase adulta. Os objetivos específicos deste estudo são: fundamentar o estudo de casos sobre as implicações da situação social no desenvolvimento do sujeito da pesquisa, no percurso de suas idades psicológicas; analisar as implicações do entorno familiar no seu desenvolvimento, no percurso de suas idades psicológicas; correlacionar as contribuições do entorno familiar ao desenvolvimento da personalidade do sujeito da pesquisa, no decorrer de toda a sua vida. Como metodologia, utilizei o referencial teórico baseado em Vigotski, Leontiev, Luria e Elkonin para a revisão de literatura e Gil, Bauer e Jovchelovitch para a coleta de dados e realização do estudo de caso a partir de Entrevista Narrativa. Para os referidos autores, estudar o desenvolvimento infantil significa estudar a passagem da criança de um degrau evolutivo a outro e a mudança de sua personalidade dentro de cada período evolutivo, que tem lugar em condições históricas sociais concretas. O interesse em realizar esta pesquisa surgiu a partir do contato com algumas crianças, em minhas práticas de ensino, numa instituição para deficientes visuais, durante o ano de 2004. In loco constatei que alguns indivíduos, apesar de terem as mesmas deficiências, apresentavam modos diferentes de perceber os fatos e o ambiente e que isto poderia estar de certo modo relacionado ao entorno familiar, em algum momento do seu desenvolvimento, sendo por isso merecedores de estudos mais detalhados. Compreendo, com base nos resultados apresentados, que a participação da situação social do desenvolvimento, tendo como foco principal o entorno familiar, repercutiu na formação da personalidade e no desenvolvimento do sujeito da pesquisa, de maneira e condizente com os objetivos previamente considerados importantes.

**Palavras-chave:** Ambiente familiar. Comportamento. Situação social do desenvolvimento.

## THE CONTRIBUTIONS OF THE FAMILY ENVIRONMENT FOR PERSONALITY DEVELOPMENT OF A VISUALLY DISABLED PERSON: A CASE STUDY

**ABSTRACT:** This article aims to understand the participation of family environment on personality development of a visually impaired in the period of time that encompasses from childhood to adulthood. The specific objectives of this study are: base the case study on the implications of the social situation of development in the development of visually impaired in the course of their psychological age; analyze the implications of family environment on the development of visually impaired in the course of their psychological age; correlate the contributions of family environment to personality development of visually impaired studied in the course of his entire life. The methodology used as theoretical framework was based on Vygotsky, Leontiev, Luria and Elkonin for literature review and Gil, Bauer and Jovchelovitch for collecting data and conducting the case study from Interview Narrative. For those authors, studying child development means to study the passage of the child from an evolutionary step to another and changing their personality within each evolutionary period, which takes place in concrete social historical conditions. The interest in performing this research came from contact with some children in my teaching practices in an institution for the blind during 2004. There realized that some individuals even though they have the same shortcomings, had rich personalities in detail and that could have been influenced by the family environment, at some point in their development and therefore deserved to be studied. I understand, based on the results presented, that the participation of social development situation, focusing mainly on the family environment, reflected in the personality formation and development of the studied visually impaired, specific and manner consistent with the objectives previously considered important.

**Keywords:** Family environment. Behavior. Social situation of development.

<sup>1</sup>Parte da Dissertação de Mestrado em Educação pela Universidade de Uberaba – UNIUBE.

<sup>2</sup>Bióloga, Mestre em Educação. Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba - MG, Brasil. dpfabian@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Em todos os tipos de organização social, do mais rudimentar ao mais erudito, o papel da família, como esfera basilar dos modelos de comportamento, sempre foi amplamente discutido e tido como diretriz ao planejamento de ações de amplo espectro, dentro das mais diversas áreas do conhecimento e da cultura. Com isso, o significado dos elementos do entorno familiar para o estudo do desenvolvimento da personalidade infantil passou a tomar lugar de destaque, ao abrir perspectivas para debates bem mais abrangentes, que visassem analisar a experiência emocional, quando confrontada aos aspectos da deficiência visual.

As condições apresentadas pelo meio são premissas para que a criança se desenvolva plenamente. Para Vygotski (1983e), estas condições estão presentes na vida do sujeito de duas formas: em seu meio ou entorno e de forma individual, após serem internalizados os elementos do entorno. Com isso, organizar condições ideais para que a criança obtenha êxito nessa trajetória torna-se primordial e ponto de partida ao estudo da personalidade humana.

O autor ressalta ainda que a cultura representa a natureza humana, pois contém a história do seu desenvolvimento, estando nela os valores que servem de molde ao pensamento criativo e, por isso, ele estuda o desenvolvimento humano como um processo dinâmico que tem como objeto o caminho percorrido pelo conhecimento desde o início do seu aparecimento e usando como fonte de coleta de dados o meio externo, que aos poucos passará a fazer parte da subjetividade do ser humano.

Conforme Longarezi e Puentes (2013), consciência e atividade interagem num mecanismo dialético em que a atividade reflexa humana atua sobre as percepções objetivas do meio e, ao mesmo tempo, é influenciada por elas. Os processos psíquicos, então, são facetas e fatores de tais atividades e, ao mesmo tempo, as condicionam. Como a consciência relaciona-se ao conhecimento, este acaba por ser produto do meio e a sensação, a percepção, a consciência, tornam-se imagens do mundo exterior. Portanto, é na ação do homem junto ao mundo que o conhecimento se faz possível, processo no qual se faz importante a mediação da linguagem e a humana, que permitem o acúmulo social e a objetivação do conhecimento, tornando o conhecimento culturalmente acumulado possível de ser compartilhado pela espécie humana.

De acordo com Duarte (2004), a atividade humana foi sempre coletiva. Para Marx e Leontiev, aquilo que antes eram faculdades dos seres humanos se torna depois do processo de objetivação uma função específica no interior da prática social. Um objeto cultural seja ele um objeto material como, por exemplo, um utensílio doméstico, seja ele um objeto não material, como uma palavra, tem uma função social, tem um significado social implícito. O processo de objetivação é, portanto, o processo de produção e reprodução da cultura humana.

Baseando-me em algumas observações do desenvolvimento das funções psíquicas superiores identifiquei que a sua formação está rigorosamente subordinada à lei genética geral do desenvolvimento psíquico, proposta por Vygotski, na qual:

[...] cada função psíquica aparece no processo de desenvolvimento da conduta duas vezes; primeiramente como função da conduta coletiva, como forma de colaboração ou interação, como meio de adaptação social, finalmente, como categoria Inter psicológica e em segundo lugar, como modo de conduta individual, como meio de adaptação pessoal, como processo interior de conduta, como categoria intrapsicológica (VYGOTSKI, 1983e, p. 214, tradução nossa).

O estudo do desenvolvimento da personalidade tanto da criança sem deficiência como da criança com deficiência visual encontra-se intimamente relacionado aos aspectos condizentes com a situação social do desenvolvimento. Estas por sua vez podem ser representadas pelas condições do entorno e, mais especificamente neste estudo, pelo entorno familiar, que durante toda a vida do participante da pesquisa, passaram a gerir a atividade psíquica do sujeito, de maneira específica. Portanto, o estudo do desenvolvimento de pessoas com deficiência visual torna-se relevante, neste momento, por considerar os pressupostos de uma concepção de deficiência, com base nos aspectos da superação em lugar da adoção de limites pré-estabelecidos pelo "olhar" a deficiência como defeito e não como subjetividade.

A situação social do desenvolvimento, entendida como "a relação que se estabelece entre a criança e o entorno [...] é totalmente peculiar, específica, única e irrepetível para cada idade e determina o desenvolvimento psíquico da criança" (VYGOTSKI, 1997, p. 264), à medida que permite ao sujeito perceber a realidade social conforme sua ótica particular e sua subjetividade.

A situação social de desenvolvimento, representada pelas condições do entorno, na opinião de Vygotski (1983e), também é determinante na compensação das limitações da deficiência, já que, durante o empenho pela busca da superação, criam-se zonas de tensão, motivadas por mecanismos de autopreservação e adaptabilidade ao meio, que induzem o desenvolvimento dos fenômenos psíquicos compensatórios como: memória, atenção, intuição, sensibilidade e interesse, dentre outros.

Para Vygotski (1935), estudar a relação entre o entorno e a criança deficiente visual significa estudar em conjunto, os aspectos que caracterizam os sujeitos e seus ambientes e não o entorno separado da criança, ou a criança somente. Assim, o estudo desta relação desfaz o paradigma da deficiência como fenômeno isolado e cria novas perspectivas no estudo de pessoas com deficiência, em seu sistema de relações sociais, em lugar do estudo da deficiência em seus aspectos apenas biológicos.

Segundo Vygotski (1983c), a moderna investigação científica, que se ocupa em estudar comparativamente tanto os problemas do desenvolvimento das crianças ditas "normais" como daquelas que apresentam alguma deficiência, parte de uma tese geral de que as leis que regem o desenvolvimento de ambos são fundamentalmente as mesmas. Assim, a concepção de deficiência visual tem sofrido inúmeras mudanças, com base nos aspectos que a caracterizam não mais como patologia, mas como uma forma peculiar de desenvolvimento psíquico alcançado pela interação entre a situação social de desenvolvimento e a percepção que o sujeito tem da sua própria realidade.

O motivo primeiro que me fez refletir sobre o tema desta pesquisa foi a experiência como professora voluntária, em um instituto para pessoas com deficiência visual. In loco identifiquei a necessidade de conhecer os aspectos da vida familiar do sujeito da pesquisa por considerá-lo um entorno dos mais importantes ao estudo da personalidade e parte integrante dos estudos da situação social do desenvolvimento, em Vygotski (1935).

Estabeleci como padrão as idades psicológicas, de 0 a 11 anos, 11 a 18 anos e a partir dos 18 anos até a idade adulta, por perceber que houve nesses intervalos um número de experiências emocionais bastante significativas para o sujeito da pesquisa, conforme nos ilustra Vygotski (1997), em sua concepção de idades psicológicas. A pesquisa da vida familiar do sujeito da pesquisa ocorreu pela realização de entrevistas narrativas com o sujeito com deficiência e seus familiares, pois esta metodologia ser amplamente utilizada em estudos de casos, pelos estudiosos da Psicologia e da Educação.

A análise dos dados referentes ao entorno familiar para a formação da personalidade do sujeito da pesquisa poderia contribuir consideravelmente para a compreensão dos aspectos considerados responsáveis pelas respostas às intervenções educacionais por parte dos professores.

O objetivo principal deste estudo foi identificar as contribuições do entorno familiar no desenvolvimento da personalidade do sujeito da pesquisa. Ao final da pesquisa foi possível identificar os aspectos do entorno familiar, que mais contribuíram para o aparecimento de novas habilidades, como a capacidade de tomar decisões e de analisar os fatos, a compreensão da realidade social, o uso da linguagem como meio de integração social e, principalmente, a capacidade de socialização.

## MATERIAL E MÉTODOS

A unidade-caso, Gil (2002), é uma construção intelectual, que representa o sujeito desta pesquisa, cujo nome fictício é Alfredo. Este é um homem com deficiência visual derivada da retinose pigmentar, com 1% de visão residual, 43 anos de idade, artesão, casado com uma mulher com deficiência visual com quem tem um filho sem deficiência visual, de três anos. Ele mora atualmente junto com a esposa e o filho em um

apartamento, não contando com a participação de familiares em seu convívio. Seu nível de autonomia é alto, conseguindo exercer todas as atividades relacionadas ao seu cuidado, localização e necessidades da vida diária, assim como capacidade de discernimento, conduta social e socialização adequadas, sendo independente e autossuficiente.

De acordo com Alfredo, ele nasceu bem próximo ao pico da bandeira, numa fazenda. Aos quatro anos de idade sua família se mudou para próximo da casa do seu avô. Seu pai, que era alcoólatra cercou a casa e fez um quintal, onde ele brincava. Sua mãe ficava muito tempo sozinha com os filhos. Os relacionamentos pessoais eram tipicamente rurais, as pessoas da convivência de Alfredo eram seus parentes próximos e os vizinhos. Com respeito ao relacionamento com os amigos de sua idade, ele diz que sempre foi tímido, mas brincava normalmente, conforme todas as crianças de seu meio.

Com a idade de sete anos Alfredo começou a frequentar a escola rural, construída pelo pai e tendo como primeira professora sua irmã mais velha. Lá ele foi alfabetizado naturalmente, sem que houvesse problemas de qualquer natureza. Com a idade de nove anos foi transferido para uma escola num vilarejo próximo devido ao fechamento da escola rural que frequentava. Esta fase coincidiu com o momento em que surgiu a deficiência visual. Esta foi ganhando proporções maiores e gradativamente impediu Alfredo de continuar acompanhando o andamento das aulas e as atividades recreativas.

Com a acentuação dos problemas de visão, Alfredo buscou ajuda, juntamente com seus pais, em especialistas na área médica, sem, entretanto, obter sucesso. O esforço de obter êxito em sala de aula também se tornou evidente, por parte de Alfredo, mas a dificuldade de realizar a leitura e a escrita foi o que mais o impediu de entrar em contato com a aprendizagem, criando o sentimento de impotência diante da classe. Após dois anos de tentativas frustradas, ele desistiu dos estudos temporariamente, indo buscar a compensação dos seus esforços no trabalho do campo.

O relacionamento de Alfredo com os pais foi normal e os cuidados que lhe dispensaram se deu dentro das possibilidades financeiras que possuíam, assim como a atenção dispensada obedeceu ao grau de entendimento condizente à concepção de deficiência existente na família. Nela existiam algumas pessoas com o mesmo tipo de deficiência visual que Alfredo.

Do período da vida de Alfredo que vai dos onze aos dezoito anos sua principal preocupação foi a de trabalhar na lavoura de café de seu pai e exercer as atividades com ele aprendidas, com empenho e determinação, no esforço quase hercúleo de desempenhar satisfatoriamente as atribuições de cada dia de trabalho, na lida com a terra. Sentiu-se, portanto, desvalorizado pelos familiares, já que estes não lhe deram uma cota de terra para que plantasse por conta própria.

Com a desilusão, que segundo Alfredo, foi chegando a partir da lida na terra e com o relacionamento familiar conflituoso abriu-se novamente a oportunidade de voltar aos estudos, por meio de uma instituição para pessoas com deficiência visual. Ele aceitou o desafio de estudar novamente e saiu de casa para o aprendizado mais significativo de sua vida até então. Conviver com pessoas fora do seu núcleo familiar.

Com a mudança de ambiente, Alfredo passou a conviver, no instituto e fora dele, com pessoas que apresentando o mesmo problema o ajudaram a dimensionar a própria deficiência e superá-la por meio das vivências compartilhadas e pela aprendizagem com novos processos de contato com a realidade. Assim, no desenvolvimento de atividades diversas de ambiência, aprendizagem do Braille, linguagem matemática, artesanato, disciplinas do núcleo comum e alternativas ocorreu interação entre ele e os colegas, numa relação de ajuda mútua.

A partir do contato com as atividades oferecidas e com os colegas do instituto para pessoas com deficiência visual, Alfredo conheceu inúmeras possibilidades de superação da sua deficiência. Passando a se comunicar satisfatoriamente e a realizar leituras que contribuíram para a formação da sua personalidade. Neste ambiente houve também estreitamento de vínculos emocionais com uma moça com deficiência visual parcial, culminando no casamento entre ambos e o nascimento do filho, que agora se encontra com três anos de idade.

Quanto aos aspectos metodológicos, o presente estudo consiste numa pesquisa de abordagem qualitativa, cuja metodologia empregada é o estudo de caso (GIL, 2008) e a fundamentação teórica tem seu suporte na Teoria Histórico-Cultural. Os principais autores adotados neste propósito são: Vygotski, Leontiev, Luria e Elkonin, dentre outros. A metodologia do Estudo de Caso segue a seguinte sequência de ações:

- 1 - Formulação do problema
- 2 - A definição das unidades-caso
- 3 - Coleta de dados
- 4 - Análise dos dados
- 5 - Elaboração do relatório

A situação social do desenvolvimento foi a categoria central de análise para os estudos da formação do desenvolvimento psíquico e da personalidade do sujeito da pesquisa, no percurso das suas idades psicológicas.

O conceito de situação social do desenvolvimento, para seu melhor estudo, foi operacionalizado nas seguintes categorias de análise:

- a) relações do sujeito com o entorno social e familiar;
- b) transformações conscientes da personalidade (externas e internas) que se produzem no sujeito em cada idade psicológica;
- c) forma como o sujeito relaciona suas transformações conscientes com seu desenvolvi-

mento posterior;

d) o processo de apropriação da cultura em cada idade psicológica, de acordo com a percepção do sujeito e das pessoas de seu convívio;

e) forma como o sujeito vivenciou os períodos críticos das idades psicológicas;

f) forma como a criança e os demais sujeitos lida com a deficiência, nas diferentes idades psicológicas.

A pesquisa contou com os seguintes procedimentos metodológicos para a coleta de dados, os quais foram empregados na seguinte ordem: revisão bibliográfica e entrevistas narrativas. A revisão foi utilizada para sistematizar o referencial teórico da investigação. Para a coleta da informação bibliográfica usou-se uma Ficha de Conteúdo (resumo) de cada um dos livros levantados. Essa Ficha foi elaborada para o projeto maior no qual se insere a presente pesquisa.

Como procedimento de campo, foi utilizada a entrevista narrativa, segundo Bauer e Jovchelovitch (2014), com Alfredo (o sujeito da pesquisa) e com as pessoas do seu entorno (família, escola, trabalho e locais de convivência dos sujeitos da pesquisa). As entrevistas com os participantes serviram para que se estabelecessem parâmetros de análise dos dados obtidos a partir da fonte principal de dados, cedida por Alfredo. Para a sua aplicação, a pesquisa foi previamente aceita pelo Comitê de Ética, tendo como pré-requisito para seus participantes a leitura detalhada do termo de consentimento livre e esclarecido e do projeto de pesquisa e sua validação, pela assinatura.

De acordo com os autores: "A entrevista narrativa (EN) tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado (que na EN é chamado um "informante") a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social" (BAUER; JOVCHELOVITCH, 2014, p. 93).

As entrevistas narrativas foram realizadas com auxílio de um roteiro de entrevista, com perguntas abertas e flexíveis para que o participante pudesse se expressar livremente. Ao mesmo tempo, cuidou-se para que o sujeito fosse esclarecido a respeito dos indicadores que permitem estudar a situação social do desenvolvimento em cada idade. As informações coletadas mediante as entrevistas foram gravadas em áudio e depois transcritas em fichas que continham os dados sobre o sujeito da pesquisa, classificados por idades psicológicas: 0-11 anos; 11-18 anos e 18 até a presente idade. Uma vez transcritas as falas do colaborador e organizados os dados coletados procedeu-se sua análise.

A análise dos resultados das entrevistas narrativas foi realizada na variante da análise temática, conforme os autores citados anteriormente. Isto se realizou reduzindo as unidades do texto falado pelo colaborador e, imediatamente, parafraseadas em algumas palavras-chave, buscando uma condensação do sentido. Esse procedimento levou a redução do texto às ideias qualitativas essenciais de forma gradual (BAUER; JOVCHELOVITCH, 2014).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora o relacionamento familiar fosse tranquilo, houve um contato bem mais arraigado com a mãe do que com o pai. Na entrevista com a mãe de Alfredo, percebi que ambos detêm certa facilidade em se comunicar. Alfredo também faz alusão a alguns comportamentos usuais naquela época, mas de maneira descontraída. Refere-se, por exemplo, à sua mãe que, às vezes, era enérgica quando ele fazia algo reprovável, mas os pais eram muito carinhosos, de modo geral. Segundo relatos da mãe de Alfredo, ele brincava muito, se alimentava bem e seu temperamento não era muito questionador.

Alfredo refere-se ao pai sempre em falas que dizem respeito ao trabalho na lavoura de café, mas também relacionava sua imagem àquela pessoa que lhe ensinava a trabalhar, que sempre o defendia diante das humilhações e que o levava ao médico para tratar dos problemas da visão. No que diz respeito aos irmãos, Alfredo nos conta que se recorda pouco dos acontecimentos até a idade de seis anos. Quando questionado sobre eventuais comentários a respeito da sua deficiência, ele contou que, em certa ocasião, seu pai lhe pediu que levasse comida para os peões da fazenda. Ele o fez e os homens retribuíram sua gentileza colocando pedras e galhos em seu caminho. Seu pai ficou muito irritado com a atitude de seus funcionários.

Em todos os relatos não foi mencionado o nome do irmão mais velho, ele foi referido apenas por ELE, ou "meu irmão". Isso só ocorreu quando pedimos para que enumerasse de forma crescente o nascimento dos irmãos. Mesmo assim, Alfredo não articulou o nome de modo claro. Em seguida, apresentou um semblante de choro. Diante desta expressão e dos relatos de brincadeiras de mau gosto, pareceu-nos que Alfredo possui sentimento de mágoa em relação a esse irmão.

Conforme nos relata Alfredo, aos nove anos seu irmão voltou a morar na casa dos pais e fazia brincadeiras "sem graça", por causa da sua deficiência visual. Ao relatar alguns fatos referentes à convivência com as irmãs e a mãe, a expressão facial permanece a mesma e a gagueira não aparece, entretanto, quando ele fala do irmão, sua expressão torna-se de choro. A fala apresenta uma discreta gagueira e dificuldade de pronunciar as palavras. Podemos supor que as lembranças dos acontecimentos ocorridos naquela ocasião trouxeram de volta as mesmas sensações vivenciadas por ele.

Conforme Elkonin,

O desenvolvimento da criança não é outra coisa do que a passagem de um estágio evolutivo a outro, passagem ligada à mudança e estruturação da personalidade da criança. Estudar o desenvolvimento infantil significa estudar a passagem da criança de um degrau evolutivo a outro e a mudança de sua personalidade dentro de cada período evolutivo, que tem lugar em condições históricas sociais concretas (ELKONIN, 1987, p. 106, tradução nossa).

Vygotski (1997) atenta para o fato das leis e conceitos básicos que caracterizam o significado do entorno no desenvolvimento da criança serem percebidos dentro de um padrão de análise relativos ao desenvolvimento do psiquismo infantil, ou seja, pelas diretrizes características das idades psicológicas em questão. Entretanto, para o estudo do desenvolvimento psíquico infantil, a idade psicológica passa a contar com o caminho percorrido pelo significado e pelo sentido que a situação social do desenvolvimento assume na formação da personalidade, não sendo caracterizada apenas pelos aspectos da idade biológica.

No início de cada período de idade a relação estabelecida entre a criança e o ambiente circundante, especialmente o desenvolvimento social, é totalmente original, específico, único e irrepetível para esta idade. Chamamos isso de relacionamento e situação de desenvolvimento social nessa idade. A situação social do desenvolvimento é o ponto de partida para todas as mudanças dinâmicas que ocorrem em desenvolvimento durante o período de todas as idades. Determina completamente as formas como a criança adquire novas propriedades da personalidade. Portanto, a primeira questão que devemos resolver, para estudar a dinâmica de qualquer idade, é esclarecer a situação social do desenvolvimento (VYGOTSKI, 1997, p. 264, tradução nossa).

Com base nos relatos apresentados e de acordo com Vygotski (1983a), cabe considerar que no percurso de formação da personalidade da pessoa com deficiência visual, ocorre a possibilidade de a compensação ser o resultado do desenvolvimento do indivíduo pela via das relações sociais, ou ser derivado do mecanismo de superação da deficiência, em seu aspecto funcional.

Para Alfredo, a compensação da deficiência pela via das relações sociais pode ser considerada como o agente principal e basilar à superação física da cegueira. Um aspecto muito interessante nas relações sociais de Alfredo é a identificação estabelecida entre ele e os outros membros com deficiência visual, da sua família, como por exemplo, os tios, que devem servir de referência para ele, conforme seus pais e parentes mais próximos. Com eles, Alfredo poderia ter a oportunidade de seguir padrões de comportamento estabelecidos para os deficientes visuais e talvez os reproduzir.

Conforme a concepção de Vygotski, existe dois tipos de deficiência, sob o ponto de vista fisiológico e sob a ótica social.

Para tanto, Vygotski distingue deficiência primária, que consiste nos problemas de ordem orgânica, de deficiência secundária, que, por seu turno, engloba as consequências psicossociais da deficiência. Para ele, em grande parte das vezes, essas determinam o modo de tratamento

dispensado ao deficiente, limita sua capacidade psíquica e, conseqüentemente, assinala o grau de desenvolvimento a ser alcançado por ele. Essas limitações secundárias, portanto, são mediadas socialmente, remetendo ao fato de o universo cultural estar construído em função de um padrão de normalidade que, por sua vez, cria barreiras físicas, educacionais e atitudinais para a participação social e cultural da pessoa com deficiência (NUERNBERG, 2008, p. 39).

A opinião de Alfredo em relação à própria família remete a análise dos fatos a um paradoxo, em que por um lado existe a necessidade de mais confiança dos familiares, em seus atributos pessoais, no tocante ao trabalho no campo e, por outro, há um modo um tanto quanto suave de julgar seus atos, que acaba por dar ao relacionamento com os familiares, certo exagero de preocupação e cuidados. Alfredo relata não saber se defender em situações de adversidade até hoje. Ele exemplifica sua opinião ao nos contar como se sentiu diante de acontecimentos, em que foi necessária a devida adaptação à mudança de condições do meio escolar.

Na primeira escola que frequentou e que funcionava nos arredores de sua casa, teve como professora sua irmã mais velha e seus colegas de classe eram os mesmos amigos das brincadeiras de criança. A escola fora construída por seu pai e o contato com a natureza era rotineiro. Seu mundo era restrito a esse ambiente familiar, em que os limites entre o entorno escolar e o entorno familiar quase não existia. Devido ao fato desta escola ter deixado de funcionar, houve a sua transferência para outra escola, agora num vilarejo. Os outros colegas o acompanharam nesse processo, mas a professora era outra e as relações estabelecidas entre ambos tiveram como aspecto principal a dificuldade de comunicação emocional, a falta de recursos didático-pedagógicos e o sentimento de frustração por parte de Alfredo, agora com a visão afetada pela Retinose pigmentar, por não conseguir desempenhar bem as atividades escolares a contento.

No decorrer dos primeiros meses de contato com a nova professora, Alfredo pode descobrir os aspectos secundários da deficiência que, conforme Vygotski (1983b) nos esclarece, é aquela surgida socialmente, pelos atributos adotados a partir de estigmas atribuídos ao sujeito pelo meio ou entorno ao qual ele pertença. As mudanças nos aspectos emocionais relacionados à mudança de escola sem dúvida influenciaram significativamente a formação de sua personalidade.

Segundo o relato de Alfredo, a professora não conseguia compreender seus esforços para aprender apesar dele tentar claro que não enxergava. Isso criou, segundo ele, um sentimento de incompreensão e falta de estímulo para prosseguir seus estudos e ao mesmo tempo gerou tristeza e descontentamento diante do despreparo da escola para lidar com ele. Esse sentimento fica evidente em suas falas. Repletas de emoção e expressões de angústia.

A ausência do ambiente familiar no decorrer do processo de alfabetização e sua substituição por um ambiente escolar hostil repercutiu na sensação de solidão e incompreensão relatadas por Alfredo, em seus relatos. A forte dependência emocional dos familiares na gestão de suas ideias também fica clara quando Alfredo pergunta à mãe sua opinião a respeito de uma leve assimetria em seu olho. O que ela respondeu ter percebido, mas não ter mencionado para evitar que se magoasse. Os relatos da irmã mais confirmam que, apesar da preocupação da família em proteger Alfredo, sempre houve necessidade por parte de todos em fazê-lo participar dos afazeres domésticos e do plantio do milho e do café.

Com a chegada da adolescência, período dos onze aos dezoito anos, Alfredo se deparou com a presença da família, já que desistiu dos estudos e voltou ao trabalho do campo. A análise das relações familiares tem um dos focos no tipo de tratamento dispensado a Alfredo pelo pai. Ele nos conta que o pai não queria que ele plantasse café. Em 1991, foi para Belo Horizonte, fazer tratamento no Hospital Nilton Rocha, seu irmão casou em 1985 e seu pai sempre ofereceu lavoura para ele, para incentivar, apesar de ele não gostar de plantar.

Alfredo, em sua fala, deixa evidente que se o seu pai desse a ele a mesma oportunidade que ao irmão, seria algo muito satisfatório para ele, já que sempre demonstrava a todos o forte desejo de plantar. Quando Alfredo me relatou que avisou ao pai de sua insatisfação por não trabalhar no campo, senti a necessidade de abordá-lo mais profundamente sobre o seu verdadeiro sentimento. Ele então respondeu que ficava transtornado, pois às vezes tinha vontade de fazer as coisas e, por não conseguir, sentia ansiedade. Queria trabalhar, ir para a roça, cuidar do meu café. Segundo seus relatos, em sua vida, até hoje tudo que ele quis fazer teve que provar para a sociedade e para a sua família que seria capaz. Plantou café e ajudou a pagar as dívidas do pai.

Alfredo não ficou à vontade para relatar que se sentia triste pela falta de oportunidade de trabalho no campo e isso é logo confirmado, quando diz que em sua vida sempre teve que provar sua competência à família, pelo seu trabalho. Alfredo nos esclareceu que pedia uma parte da lavoura para trabalhar e seu pai adiava essa concessão, argumentando que o irmão teria sua parte primeiro, por estar de casamento marcado. Vendo que seus pedidos não surtiam efeito, resolveu pegar uma parte da lavoura do pai, para trabalhar (de meeiro). No ano seguinte plantou café para o pai. Como viu que o irmão não iria assumir sua lavoura, pegou a parte da lavoura dele também, para trabalhar. Eram 3000 pés de café do pai, que plantou e cuidou e mais 5000 pés de café da lavoura do irmão, ou seja: 8000 pés de café que plantou e cuidou sozinho.

De acordo com sua fala, Alfredo pareceu mostrar sentimentos de que, na sua vida, sempre foi difícil seus familiares acreditarem na sua potencialidade. O pensamento de Leontiev reitera esse fato:

Mas esta desigualdade entre os homens não provém das suas diferenças biológicas naturais. Ela é o produto da desigualdade econômica, da desigualdade de classes e da diversidade consecutiva das suas relações com as aquisições que encarnam todas as aptidões e faculdades da natureza humana, formadas no decurso de um processo sócio histórico (LEONTIEV, 1978, p.8, tradução nossa).

Desse modo,

O homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade. Resultando estas do desenvolvimento das gerações humanas, não são incorporadas nem nele, nem nas suas disposições naturais, mas no mundo que o rodeia, nas grandes obras da cultura humana. Só se apropriando delas no decurso da sua vida ele adquire propriedades e faculdades verdadeiramente humanas. Este processo coloca-o, por assim dizer, aos ombros das gerações anteriores e eleva-o muito acima do mundo animal (LEONTIEV, 1978, p.12, tradução nossa).

Alfredo necessitou do apoio do pai para desenvolver-se na nova atividade escolhida. Esta substituiu a escola e trouxe meios de conquistas psíquicas para sua personalidade. Ele tinha forte desejo de trabalhar na lavoura, mas, diante da desaprovação do pai, reuniu esforços para a lida no campo, cumpriu seu objetivo e conseguiu grande contentamento. O pai foi a matriz para Alfredo aprender o trabalho do campo, mas a mãe intercedeu por ele, quando foi necessária ajuda para sensibilizar o pai sobre suas necessidades de trabalho.

Numa ocasião, quando Alfredo pediu ao pai um lugar para plantar as 8000 mudas de café, ele lhe negou. Então recorreu à mãe que lhe sugeriu a palhada em que se plantava batata. O pai então aceitou. Daí em diante começou seu trabalho, mas tinha que preparar as covas e não havia tempo para isso, então fez somente os buracos para depositar as mudas e iria carregar nas costas as mudas barranco acima, quando o pai, percebendo seu plano contratou uma pessoa para fazer esse trabalho.

Conforme Leontiev (1978, p. 7, tradução nossa),

As aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente dadas aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas são aí apenas postas. Para se apropriar destes resultados, para fazer deles as suas aptidões, "os órgãos da sua individualidade", a criança, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através doutros homens, isto é, num processo de comunicação com eles. Assim, a criança aprende a atividade adequada. Pela sua função, este processo é, portanto, um processo de educação. A

criança não está de modo algum sozinha em face do mundo que a rodeia. As suas relações com o mundo têm sempre por intermediário a relação do homem aos outros seres humanos; a sua atividade está sempre inserida na comunicação. A comunicação quer esta se efetue sob a sua forma exterior, inicial, de atividade em comum, quer sob a forma de comunicação verbal ou mesmo apenas mental, é a condição necessária e específica do desenvolvimento do homem na sociedade.

Para Leontiev (1978, p. 8, tradução nossa),

Falando do papel da aquisição da cultura no desenvolvimento do homem, o autor de uma obra recente consagrada a este problema nota muito justamente que se o animal se contenta com o desenvolvimento da sua natureza, o homem constrói a sua natureza.

O relacionamento de Alfredo com a família, de acordo com sua fala, se mostrou com muitas tentativas de ocultar sua deficiência visual, no intuito de preservá-lo do melindre e da humilhação. O mesmo ocorreu no trato com outras pessoas. Alfredo nos contou que numa viagem, com sua irmã, ao entrar no ônibus, ela comentou como motorista que ele era deficiente, mas pediu que ele não demonstrasse a Alfredo que sabia deste fato. Fez isso sem ele estar por perto com receio de magoá-lo, de expô-lo ao ridículo. O motorista comentou que não compreendia a razão desse comportamento por parte de Alfredo.

Com a chegada da idade adulta e mais ciente das suas necessidades emocionais, Alfredo resolveu voltar a estudar, mas desta vez numa cidade um pouco mais distante da cidade natal. De acordo com o relato da irmã mais nova, Alfredo sempre foi muito triste, mas com sua saída de casa, na adolescência, modificou seu comportamento. Ela sempre sentiu muito sua falta quando foi estudar fora da cidade. Tinha medo que alguma coisa ruim acontecesse com ele, mas mudou de ideia ao perceber que estava feliz.

O motivo desta felicidade era que na outra cidade ele conseguiu sair com os amigos, se comunicar e estabelecer laços matrimoniais com uma moça também deficiente visual. Isso o transformou completamente, pois, ao se afastar por algum tempo do convívio familiar, pode exercitar sua potencialidade em resolver problemas, desenvolver a socialização, aprender a se comunicar, tornar-se independente e participar integralmente das suas decisões e conquistas, tanto acadêmicas como laborais.

Alfredo, que se encontra atualmente casado, tem um filho de três anos, vidente e considerado superdotado, pelos especialistas da área da Psicologia. Ele, porém, mantém algumas lembranças dolorosas que o fazem sofrer, conforme relato de sua esposa. Ela nos conta que, na época do trabalho no campo, Alfredo teve que pagar muitas despesas e que devido a isso quase não sobrou dinheiro para suas necessida-

des materiais. Esse fato repercutiu em sentimentos de desvalorização de Alfredo frente ao irmão, que segundo relatos seus, não demonstrava nenhum interesse em trabalhar no campo.

Segundo seus relatos, Alfredo ainda não encontrou a maneira ideal de agir em sociedade. Essa necessidade continua sendo parte da sua realidade interior, pois não se sente apto totalmente para conviver satisfatoriamente em sociedade, apesar de demonstrar a todo instante que conseguiu superar sua limitação física.

Para Vygotski (1983d, p. 103, tradução nossa),

Cabe imaginar que enorme tensão deverá alcançar nas forças psíquicas a tendência a supercompensação, suscitados pelo déficit da visão, para que não somente pudesse vencer a limitação espacial da cegueira, mas também dominar o espaço das formas superiores, acessíveis à humanidade.

De acordo com a fala de Alfredo, pude perceber que a busca pela compensação da deficiência visual é um processo automotivado, em que a própria conscientização da capacidade de superar dificuldades é fonte para novas conquistas, novas habilidades e a geração de mais motivação. Esse processo dialético garante não somente a superação das barreiras de natureza social e da deficiência propriamente dita, mas cria neoformações psíquicas responsáveis pelo surgimento de novas habilidades psíquicas.

Um aspecto grandemente importante nas considerações de Vygotski (1983b, p. 107) é a conclusão de que a compensação da cegueira não é o desenvolvimento do tato e da audição, mas a linguagem, ou seja, a utilização da experiência social da comunicação com as pessoas videntes para que seja conquistada a plena realização das potencialidades do indivíduo cego.

Vygotski (2012, p.116) considera como condição primeira ao desenvolvimento da criança com e sem deficiência a educação e não o patamar estabelecido pelas fases do desenvolvimento biológico. Assim, aspectos de cunho sociocultural, ao entrarem em contato com o sujeito passam a fazer parte das suas vivências, percebidas de acordo com a sua individualidade. O sentido e o significado atribuídos aos elementos de seu entorno medeiam a aprendizagem ao permitir a comunicação entre as pessoas e, ao mesmo tempo, contribuir para o desenvolvimento das suas funções psíquicas superiores.

O significado atribuído pelo sujeito às suas vivências atua como substrato para que a consciência, em uso da atividade perceba a realidade sob um prisma específico. Portanto, o tipo de relação que se estabelece entre esse substrato e a consciência é diferente do contato puramente mecânico entre homem e objeto. Nesse contato característico da atividade humana, o elemento significado confere subjetividade ao processo de apropriação do mundo objetual, tornando-se algo específico ao modo de percepção de cada sujeito.

Conforme Leontiev,

Os pensamentos das pessoas, bem como a sua percepção, têm uma natureza sócio-histórica. Embora a atividade de percepção seja uma atividade particular, no sentido de que nas suas formas são diretamente relacionadas com a influência prática do homem sobre o objeto e tem como produto uma imagem subjetiva deste, no entanto, torna-se um verdadeiro objeto-atividade, implícito na prática social humana (LEONTIEV, 1978, p 24, tradução nossa).

Vygotski (1983b, p.110) faz alusão a dois tipos de cegos: um que procura compensar sua limitação física, dentro do possível, minimizando ou anulando as fronteiras que o separam dos videntes e o outro, que ao contrário, enfatiza as diferenças entre seu mundo e o mundo dos videntes, tornando-as prioritárias ao papel da personalidade e da motivação, na superação das limitações. Em sua concepção, “ambos os tipos denotam dois desenlaces extremos da compensação: o êxito e o fracasso deste processo fundamental”.

Alfredo, em nosso entender, representa o tipo de pessoa que procura superar suas limitações, usando para isso a perseverança, a disciplina e a automotivação, mas alguns elementos presentes em seu entorno familiar, podem ter sido responsáveis pelo surgimento de características em sua personalidade na infância e na adolescência e que aos poucos deram margem a alguns comportamentos em idade adulta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar aspectos da vida de Alfredo, podemos tecer algumas considerações referentes ao panorama da situação social de seu desenvolvimento, no que diz respeito à família. Nesta, a concepção de deficiência visual lidou com os aspectos práticos da deficiência visual, mas o suporte necessário à sua superação permaneceu por conta da saída do ambiente familiar, que lhe gerou muitas conquistas no nível de conhecimento e experiências emocionais importantes ao processo de desenvolvimento de novas habilidades psíquicas.

Segundo o relato de Alfredo, apesar de seu pai ser sua referência na aprendizagem do trabalho no campo, muitas vezes esta oportunidade foi postergada ou não totalmente correspondida, por motivos não esclarecidos em suas falas.

O principal fator de contribuição para a formação da personalidade de Alfredo na infância foi a mudança da escola rural para a escola da cidade, com todas as suas particularidades. Nesta escola, em que as relações sociais ficaram marcadas pela mudança no relacionamento professora-aluno, Alfredo pode entrar em contato com os aspectos sociais da deficiência visual, que o fizeram experimentar a falta de inclusão e a perda da motivação pelos estudos.

Ao observar mais de perto a família de Alfredo, podemos supor que a sua família tenha exercido um papel decisivo na formação da sua personalidade. As falas de Alfredo parecem indicar que a falta de oportunidades de trabalho no campo fez com que ele experimentasse um sentimento de frustração, nascido da perda de expectativa em relação ao seu próprio destino. A partir da frustração nasceu o desejo pela superação, que corresponde ao aspecto positivo de sua história de vida.

O significado atribuído ao irmão mais velho parece ter sido também um dos requisitos para a formação da personalidade de Alfredo, pois serviu indiretamente de incentivo à busca pelos seus direitos e oportunidades de crescimento, na perseverança aos objetivos traçados. Ao mesmo tempo, se ampliou o sentimento de justiça, que deveria a partir disso permanecer em sua vida. A autoconfiança para procurar novos rumos pode ter surgido desta interação de Alfredo com sua família materna.

A saída do ambiente doméstico experimentada por Alfredo foi de suma importância na conquista de novas habilidades de comunicação, linguagem, artesanato, socialização e aprendizagem de novas habilidades cognitivas e afetivas. Isso ocorreu com a participação dos colegas do instituto para pessoas com deficiência visual, que compartilharam com ele as vivências emocionais presentes em cada etapa do desenvolvimento de sua personalidade.

Alfredo teve sua capacidade visual restrita, pela diminuição do seu campo visual. As imagens laterais e as situadas em ângulos específicos passaram despercebidas para ele, então para superar a deficiência houve necessidade de ele lançar mão de atributos da sua personalidade: a determinação, a perseverança, a força de vontade para continuar estudando e trabalhando, por algum tempo. Estas características foram essenciais para que ele conseguisse realizar seus objetivos e lograr sucesso em suas ações, colocando-o em pé de igualdade com os videntes, quanto à questão das oportunidades de superação, fato constatado nas experiências que viveu no trabalho no campo e à conquista de novos conhecimentos, no decorrer de sua vida.

## REFERÊNCIAS

BAUER, M. W.; JOVCHELOVITCH, S. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. v. 1, p. 90-113.

DUARTE, D. A formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 24, n. 62, p. 44-63, abr. 2004.

ELKONIN, D. Sobre el problema de la periodización del desarrollo psíquico en la infancia: In: *La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS (Antología)*. Moscú: Progreso, 1987, p. 104-124.

GIL, A. C. Como delinear um estudo de caso. In: \_\_\_\_\_. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p.137-143.

GIL, A. C. Estudo descritivo. In: \_\_\_\_\_. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 45 a 54

LEONTIEV, A. N. *Actividad conciencia y personalidad*. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1978. p. 261-284.

LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone/Edusp, 2012. p. 59-83.

LONGAREZI, A. M.; PUENTES, A. M. (Org.). *Ensino desenvolvimental: vida, pensamento e obra dos principais representantes russos*. Uberlândia: EDUFU, 2013.

NUERNBERG, A. H. Contribuições de Vigotski para a educação de pessoas com deficiência visual. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.13, n. 2, p. 307-316, 2008.

RETINA BRASIL. *Retinose pigmentar*. Disponível em: <<http://retinabrasil.org.br/site/doencas/retinose-pigmentar/>> Acesso em: 07 maio 2015.

VYGOTSKI, L. S. (n.d.). *El problema del entorno*. Universidade de Havana. 1935. (Trabalho não publicado)

\_\_\_\_\_. Los problemas fundamentales de La Defectologia contemporánea. In: VYGOTSKI, L. S. *Obras escogidas V – fundamentos de defectologia*. Moscú: Editorial Pedagógica, 1983a. p. 11- 40.

\_\_\_\_\_. El defecto y la compensación. In: VYGOTSKI, L. S. *Obras escogidas V – fundamentos de defectologia*. Moscú: Editorial Pedagógica, 1983b. p. 41- 58.

\_\_\_\_\_. Acerca de la Psicología y la Pedagogía de la defektividad infantil. In: VYGOTSKI, L. S. *Obras escogidas V – fundamentos de defectologia*. Moscú: Editorial Pedagógica, 1983c. p. 73- 95.

\_\_\_\_\_. El niño ciego. In: VYGOTSKI, L. S. *Obras escogidas V – Fundamentos de defectologia*. Moscú: Editorial Pedagógica, 1983d. p. 99- 113.

\_\_\_\_\_. La coletividade como factor de desarrollo del niño deficiente. In: VYGOTSKI, L. S. *Obras escogidas V – Fundamentos de defectologia*. Moscú: Editorial Pedagógica, 1983e. p. 213 – 234.

\_\_\_\_\_. El problema de la edad. In: *Obras escogidas*. T. IV, 2 ed. Madrid: Visor, 1997, p. 251-273.